PERSPECTIVAS AGRÍCOLAS DA OCDE-FAO

O BRASIL COMO FORNECEDOR DE ALIMENTO PARA O MUNDO

DA REDAÇÃO

EM JULHO, foi lançado o relatório "Perspectivas Agrícolas 2015-2024", elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Posicionado entre as dez maiores economias do mundo e segundo maior fornecedor mundial de alimentos e produtos agrícolas, o Brasil foi o foco principal.

No País, a apresentação oficial do relatório ocorreu na sede da FGV Projetos, em São Paulo. O evento contou com a presença de representantes da OCDE e da FAO, além de personalidades importantes do nosso agronegócio, como: André Nassar, secretário de Política Agrícola, do Ministério da Agricultura; Antônio Brandão, coordenador do Grupo Executivo de Agroindústria da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN); e dos ex-ministros da Agricultura Roberto Rodrigues e Alysson Paulinelli. A seguir, apresentamos as principais conclusões do relatório, complementadas pelas observações dos especialistas brasileiros presentes.

PARA ONDE CAMINHARÁ A PRODUÇÃO

Para o cenário de dez anos, as perspectivas da agricultura brasileira são positivas: o País pode se tornar o maior exportador mundial de alimentos até 2024. O crescimento da oferta ocorrerá via aumento da produtividade, proporcionado pelo crescimento contínuo do uso da tecnologia na produção e pelo aumento da área agrícola, principalmente sobre sítios degradados. Conclusões preliminares de estudo conduzido pela FGV indicam que o Brasil teria condições de elevar sua produção para 750 milhões de toneladas em trinta anos apenas recuperando de áreas antes degradadas – esta técnica enquadra-se no conceito de Agricultura de Baixo Carbono (ABC). Essa realidade não se aplica a nenhum outro país do mundo.

A taxa de câmbio deve continuar elevada, tornando as exportações do Brasil mais competitivas nos mercados mundiais. A tendência para 2024 é de que a exportação de produtos agrícolas concentre-se em poucos países, enquanto a importação estará mais pulverizada. Haverá menos países fornecendo produtos para mais mercados.

DESAFIOS NA VISÃO DE ESPECIALISTAS BRASILEIROS

Para o cenário de crescimento da produção projetado pela OCDE-FAO, o modelo atual de financiamento oficial da safra deverá atender as necessidades dos produtores por crédito. No entanto, os investimentos em logística em curso na região Norte, por exemplo, podem levar a um crescimento mais agressivo da produção, principalmente de milho e soja. Nesse caso, será necessário desenvolver outros mecanismos de financiamento, pois o crédito oficial não será suficiente.

Para aumentar o volume de crédito para a agricultura, é necessário ampliar a participação dos bancos privados nesse mercado. No entanto, para que isso aconteça, são necessárias mudanças profundas no sistema bancário brasileiro. A alta demanda dos diversos setores da economia por crédito faz com que seu preço seja inelástico. Além disso, a taxa básica de juros é muito elevada para aplicação diária. Portanto, nenhuma instituição privada interessar-se-á em financiar o agronegócio a uma taxa adequada aos produ-

ISTOCKPHOTO



tores, além do volume a que é obrigada. Além disso, como um banco pode emprestar dinheiro a longo prazo se seus correntistas não possuem a cultura de realizar aplicações a prazos longos? Com isso, essa missão acaba recaindo sobre os bancos públicos.

No mercado de carne, o aumento da demanda pelo produto brasileiro dependerá da abertura de novos mercados internacionais. Infelizmente, o Brasil exporta muito grão *in natura*, pois muitos países adotam a estratégia de comprar soja e milho para, então, processá-los para alimentar a produção interna de carnes. Há uma questão de mercado que precisa ser superada.

Outro grande desafio para o País será encontrar meios de reduzir a concentração fundiária e melhorar a renda do campo. A questão da renda passará pelo aumento da produtividade de pequenas e médias propriedades agrícolas, o que está relacionado a garantia da educação e acesso a tecnologia de ponta. Percebe-se que alguns pequenos e os grandes produtores de alguma forma têm garantido o acesso às tecnologias mais atuais. No entanto, a estrutura de financiamento e assistência existente tem imposto dificuldades ao acesso da grande maioria dos produtores médios. O papel das cooperativas e da assistência técnica nesse processo será fundamental.

Por fim, o País precisa solucionar um problema antigo relacionado à aprovação de novas fórmulas para controle de pragas e doenças. A demora excessiva para liberar estes produtos para comercialização faz com que a tecnologia utilizada no Brasil esteja entre três e cinco anos atrás de seus competidores. Em uma situação mais extrema, um problema fitossanitário grave poderia transformar-se em um problema de mercado, pois a incorporação de soluções demora muito tempo. Nosso processo é um dos mais modernos e seguros do mundo, mas não está sendo aplicado na prática.

ANÁLISE DA OCDE-FAO

Cereais: após uma leve queda em 2016, o consumo interno deve aumentar até 2024, a uma taxa de 1,5% a.a. Assim, espera-se que o mercado interno absorva a maior parte da produção adicional. Ou seja, a parcela da produção destinada à exportação permanecerá relativamente fixa durante os próximos dez anos.

Oleaginosas: a soja continuará sendo o produto agrícola mais importante para o Brasil, com metade da produção destinada aos mercados mundiais. Com a expansão prevista para a cultura, o País deve aproximar-se da produção dos EUA, maior produtor mundial.

O crescimento da demanda interna por farelo, insumo para os setores de aves e suínos, não deve ser acompanhado pelo aumento da capacidade de moagem para acompanhar o crescimento da demanda interna, o que deve reduzir o superávit exportável.

Trigo: a demanda interna deve continuar aumentando, mas abaixo da taxa da última década. Com uma população em crescimento, isso significa que haverá uma ligeira redução no consumo *per capita*.

Açúcar: o crescimento na demanda de países em desenvolvimento contribuirá para a recuperação dos preços, elevando o investimento no setor.

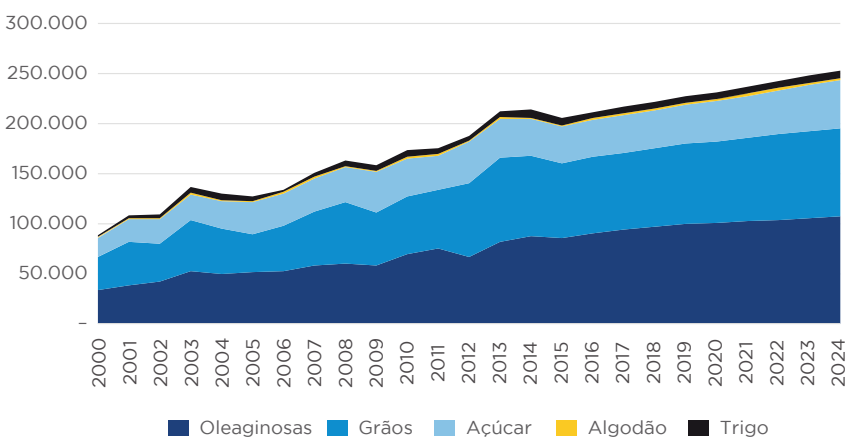
Algodão: o desempenho externo será importante para o setor, uma vez que a demanda interna permanecerá relativamente estável. O crescimento da produção estará condicionado à recuperação do consumo nos mercados mundiais e à redução dos estoques da China.

Biocombustíveis: o consumo de etanol e biodiesel crescerá a um ritmo mais lento durante a próxima década. Com o preço do petróleo em baixa, o comércio de biocombustíveis deve permanecer pequeno. O nível de produção dependerá das políticas de incentivo (por exemplo, mistura compulsória à gasolina) adotadas pelos países.

Carne: a produção deve continuar seguindo a tendência de rápido crescimento. A desvalorização do real, os baixos custos projetados da alimentação e o aumento da produtividade devem fortalecer a competitividade do Brasil no mercado internacional. ■

BRASIL: CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

MIL TONELADAS



Fonte: OCDE-FAO